

# Câmara participa do parlamento metropolitano de proteção, direito e bem estar animal

A Câmara de Vereadores de Montenegro, a partir de agora, integra o parlamento metropolitano de proteção, direito e bem estar animal. Fazem parte deste núcleo os vereadores Ana Paula Machado (PTB) e Gustavo Oliveira (PP). Ana Paula representou o Legislativo na primeira reunião do Parlamento de Proteção, Direito e Bem Estar Animal, em Canoas.

## Redação

Composto por 34 municípios da região metropolitana o Parlamento tem como objetivo unir esforços para obter



apoio e discutir os problemas enfrentados pela causa animal e a busca por soluções de interesse comum a todos.

A ideia também é debater pautas, demandas e trabalhar na criação de políticas públicas em prol da causa animal, tanto na região metropolitana como no nosso estado.

Vários parlamentares e pessoas comuns, de várias cidades estão envolvidos.

Na última sexta-feira, 28, estivemos na Câmara Municipal de Sapucaia em uma visita à vereadora Veridiana Pacheco para falar do nosso projeto de criação do Parlamento Metropolitano de Proteção, Direito e Bem-estar Animal.

Na conversa, além de forma-

lizar o convite à nossa amiga, também trocamos experiências sobre a causa animal, que é uma das bandeiras que a Veridiana defende no parlamento de Sapucaia.

É o caso, por exemplo, de Cris Moraes. Ele estava na Câmara Municipal de Sapucaia em uma visita à Vereadora Veridiana Pacheco para falar do nosso projeto de criação do Parlamento Metropolitano de Proteção, Direito e Bem-estar Animal. Na conversa, além de formalizar o convite, também trocou experiências sobre a causa animal, que é uma das bandeira que a Veridiana defende no parlamento de Sapucaia. (Foto: Acom Câmara)

Ana Paula recebeu o certificado

## Reunião discutiu fornecimento de energia no interior



Encontro em Lajeado

Montenegro - Uma reunião debateu o fornecimento de energia nas localidades de Lajeado e Linha Catarina. O consultor de negócios da empresa RGE, André Luis

da Silva e o secretário de Desenvolvimento Rural, Ernesto Kasper, mediarão o encontro com lideranças comunitárias. A prefeitura vai auxiliar no levantamento de cada residência

e encaminhar à RGE as conclusões, para estudos de ampliação da rede e acompanhar junto à empresa os estudos em relação aos custos de ampliação desta rede. (Foto: Acom)

## Mês da Consciência Negra terá programação variada e resgate histórico

Montenegro - Começou na quarta-feira, 3, o Mês da Consciência Negra em Montenegro. Na Secretaria Municipal de Habitação, Desenvolvimento Social e Cidadania, ativistas e representantes da sociedade participaram da primeira atividade: o lançamento do Comitê Municipal de Enfrentamento ao Racismo. O coordenador da CUFA-Central Unica das Favelas em Montenegro e integrante da Frente Nacional Antirracismo, o Jornalista Rogério

dos Santos, ressaltou a luta histórica dos negros pelos seus direitos.

“Nos livros que contam a história de Montenegro, muito pouco se fala do negro”, revelou Rogério. Felizmente, uma parte dessa injustiça será reparada em breve.

O trecho no site do município que conta as origens de Montenegro será reformulado, acrescentando a participação dos negros no processo.

O anúncio foi feito pelo se-

cretário Municipal e Assistência Social de Habitação, Luis Fernando Ferreira.

A próxima atividade será neste sábado às 9h na Sociedade Floresta, com um Brechó das Empreendedoras Negras.

No dia 10, às 19h, no mesmo local, ocorre o seminário “Negro e a Educação”.

O Mes da Consciência Negra acontece todos os anos em Montenegro e tem na Cufa um dos pilares da programação de atividades em Montenegro.



## OLAVO DE CARVALHO

### Transição revolucionária

A mídia nacional já levou longe demais essa farsa de rotular o tucanato de “direita”, um truque inventado pela esquerda para poder condenar como extremismo e fascismo tudo o que esteja à direita de FHC, ou seja, à direita da centro-esquerda.

Se é verdade que o atual presidente obedeceu em linhas gerais às exigências econômicas do FMI — coisa que qualquer outro faria no lugar dele e que o próprio Lula promete fazer igual, o que não torna nem um nem o outro direitistas —, por outro lado o presente governo subsidiou fartamente com dinheiro público o crescimento da mais poderosa organização revolucionária de massas que já houve na América Latina, introduziu ou ao menos permitiu a doutrinação marxista nas escolas, instituiu a beatificação oficial de terroristas aposentados e a concomitante desmoralização das Forças Armadas, generalizou o uso de critérios morais “politicamente corretos” para o julgamento das questões públicas e destruiu uma por uma as lideranças regionais mais ou menos “conservadoras” que restavam, além de deixar montado todo o aparato legal e fiscal que seu sucessor necessitará para criminalizar a atividade capitalista, sufocar as críticas de oposição e, tendo feito tudo dentro da lei, poder posar de democrático. Democrático no sentido de Hugo Chavez, é claro.

Sem tocar nos interesses internacionais, mas seguindo estritamente a receita de guinada à esquerda que lhe foi preparada desde 1998 por Alain Touraine, FHC fez mais pelo avanço da revolução comunista no Brasil do que o próprio João Goulart, que ficou só na ameaça.

Se, não obstante, seu governo ainda é rotulado de “direitista”, é somente graças a um fenômeno bastante conhecido na mecânica das revoluções: sempre que uma facção revolucionária toma o poder, suas próprias dissensões internas se substituem às divisões de partidos e facções existentes no regime anterior. Assim, por exemplo, após a revolução de 1917, a ala revolucionária menchevique passou a ser atacada pela ala radical como direitista e reacionária. Evidentemente, o sentido de “direita” havia mudado por completo: antes, era ser contra a revolução; agora, era não ser revolucionário o bastante. A diferença entre o caso russo e o brasileiro é que naquele a mudança foi declarada e consciente, ao passo que entre nós ela está proibida de ser mencionada em público.

Um dos elementos primordiais da revolução cultural gramsciana em curso é o lento e inexorável deslocamento de todo o eixo de referência dos debates públicos para a esquerda, de modo a estreitar a margem de direitismo possível e, aos poucos, substituir a direita genuína pela facção direita da própria esquerda ou por algum fanatismo hidrófobo estereotipado e fácil de desmoralizar. O processo deve ser conduzido de maneira tácita e, se alguém o denuncia, negado com veemência. As coisas devem acontecer como se não estivessem acontecendo. Os discordes e recalitrantes, mais que censurados, são jogados para o limbo da inexistência e se tornam tão deslocados que parecem malucos.

Poucos brasileiros se dão conta da profundidade das mudanças políticas por que este país passou ao longo dos últimos quinze anos. Elas podem ser resumidas assim: a oposição de esquerda ao antigo regime militar tomou o poder, ocupa todos os postos do governo e da oposição e não deixa lugar para mais ninguém. Os poucos remanescentes do antigo regime se apegam desesperadamente

aos últimos resíduos de poder que lhes sobram em escala regional, ao passo que na disputa nacional não podem aspirar senão ao papel de auxiliares e meninos de recados de alguma das facções esquerdistas em disputa. As presentes eleições deixaram isso muito claro.

À completa liquidação da direita corresponde, quase instantaneamente, a institucionalização de uma das facções de esquerda no papel de “direita” — uma direita fabricada ad hoc para as necessidades da esquerda.

O processo foi enormemente facilitado pelo fato de que, nas eleições legislativas federais, estaduais e municipais, o Brasil tem uma das mais altas taxas de substituição de políticos já observadas no mundo. A transfusão de lideranças, a completa destruição de uma classe e sua substituição por outra já são fatos consumados. A revolução está em curso. Se vai descambar para a destruição violenta das instituições ou se vai chegar a seus fins por via anestésica, é algo que só o futuro dirá. Mas negar o caráter revolucionário das mudanças observadas é realmente abusar do direito à cegueira.

Alguns enxergam essas mudanças, mas só parcialmente e segundo um viés predeterminado. Notam, por exemplo, a destruição de velhas lideranças, abominadas como “corruptas”, e vêem nisso um progresso da democracia — sem reparar que não há progresso nenhum numa caçada a corruptos de menor porte que serve apenas de disfarce para encobrir o crime infinitamente maior em que estão envolvidos os próprios moralizadores mais entusiasmados: a narcoguerrilha, o terrorismo internacional, a revolução continental.

Publicado na edição de 25 de Agosto de 2002 de Zero Hora